



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1253

TECIDOS CULTURAIS: A CHITA NO CARNAVAL PERNAMBUCANO

Priscila Barbeiro

Ivana Guilherme Simili

(La- Moda, UEM)

Resumo.

No trabalho, a relação entre arte e cultura é examinada por intermédio da análise das apropriações da chita, um tecido que caracteriza a cultura brasileira, na criação de visualidades de livros destinados aos segmentos infantis. A obra constituída como documento para análise é “O rapto do Galo” (2014), de Fabiana Karla. No livro são abordados aspectos envolvidos nas festividades populares de Pernambuco, em específico o carnaval, narradas com personagens ilustrados com vestimentas de chita. Da produção visual encontrada no livro, procuramos identificar como a chita, um tecido que participa da cultura brasileira foi incorporado à narrativa da história contada na obra. Por meio deste procedimento, revelamos as articulações entre literatura infantil, arte e tecidos na fabricação de significados para a memória e a história das culturas regionais e, por conseguinte, para a preservação do patrimônio cultural nacional. Face ao exposto, na análise, consideramos que os usos da chita nas ilustrações constituem-se em linguagens e visualidades que comunicam e veiculam representações da cultura brasileira. No plano teórico e metodológico, as concepções de linguagens e narrativas visuais fundamentam as análises das ilustrações para entender as representações de arte, literatura e cultura brasileira, e o sentido produzido e comunicado aos leitores e leitoras infantis.

Palavras-chave: Chita; Cultura; Literatura; Arte.

Introdução/Justificativa

A valorização dos saberes, dos fazeres, das celebrações, dos objetos cotidianos e das formas de expressão – tradicionais ou não- é de extrema significância para nossa compreensão sobre a diversidade das manifestações artísticas e culturais das populações. Neste estudo, buscamos tecer as relações entre um objeto histórico/cultural e os processos de identidades. Nesse sentido,

optamos por identificar a construção imagética de identidade cultural brasileira por meio da abordagem das visualidades de história destinada ao segmento infantil. Trata-se da obra “O rapto do Galo” (2014), de Fabiana Karla.

É importante salientar que quando nos referimos ao conceito de identidade cultural, este diz respeito as características que conferem com base em referências comuns, determinada singularidade a um grupo social, uma comunidade, etnia ou mesmo a população de um país. Logo, toda identidade é uma construção simbólica, ou seja, necessita de elementos construídos historicamente e tomados como representativos (ZUCON; BRAGA, 2013). A chita, como objeto de estudo se afirma como um dos tecidos brasileiros emblemáticos da brasilidade. Seja em seus motivos florais vibrantes, com suas cores puras, primárias e secundárias contrastantes entre si, reproduzindo de forma visual esse ambiente tropical e alegre característico do nosso país, ou por toda a sua carga simbólica de usos, desusos e apropriações, transformando-a em um ícone que melhor traduz o significado de brasilidade e variedade do povo brasileiro.

Em vários contextos históricos desde o final do século XIX, percebemos que a afirmação de nossa identidade tem a cultura popular como elemento simbólico fundamental. No entanto, a concepção de cultura popular brasileira ou cultura nacional, hegemoniza as particularidades e alteridades das culturas regionais, assim, é importante refletirmos a cerca das culturas populares brasileiras. Logo:

A noção de cultura brasileira procura enfatizar as diversas matrizes históricas de formação de nossa nacionalidade. Atualmente, portanto, é corrente a utilização do conceito no plural, ou seja, culturas populares, uma vez que nossa formação sócio-histórica é diversa. (ZUCON; BRAGA, 2013, p.26).

Neste âmbito, focalizamos o estudo na chita como um objeto histórico, tradicional das culturas populares brasileira, que foi e vem sendo apropriado e ressignificado na modernidade, neste caso em específico, apresentado na forma ilustrativa e literária. Portanto, a obra constituída como documento para o análise é “O rapto do Galo” (2014), de Fabiana Karla. Em sua estreia literária, a autora homenageia a cultura de sua terra natal, apresentando um desfile de personagens e tradições da cultura popular de Pernambuco. O Livro “O Rapto do Galo” é um cordel

contemporâneo que narra com humor e rima o sumiço de um dos grandes símbolos do carnaval do Recife: a ave que representa o maior bloco de Rua do Nordeste. Na descrição os/as leitores/as infantis vão sendo conduzidos ao mundo da folia de carnaval, com seus bonecos, o maracatu, o frevo que fazem fervilhar personagens, ambientes que revelam a cultura nordestina por meio dos painéis de cores e texturas que trazem a chita e a xilogravura como pano de fundo. Face ao exposto, de que forma o uso da chita contribui para criar e disseminar imagens do Brasil com suas festividades, personagens, cores e tradições?

Neste ponto, é importante destacar que qualquer análise sobre tecidos e arte exige que se compreenda o trabalho artístico ou as escolhas dos materiais usados pelo artista na criação das ilustrações, sendo essas, um veículo de comunicação visual na produção de sentido para a história narrada. No caso em específico, a remissão ao tecido, a chita pela autora, exige que se conheçam aspectos de sua história para entender os simbolismos que os usos do tecido fazem circular.

A chita é um dos tecidos brasileiros mais conhecidos por todo o país. Já foi vestido de escrava e já desfilou em passarelas. Foi estampa da elite e estampa de forrar mesa da cozinha. Conhecida como pano popular passou pela literatura, pelo cinema e pelas manifestações artísticas. Vestiu movimentos culturais, coloriu festas populares, participou de tradições religiosas, tornando-se símbolo da moda brasileira. A lembrança da chita é signo de uma brasilidade associada ao nosso ambiente tropical, logo, pensar em chita é ver a alegria descarada da combinação de suas cores e das misturas descontroladas de estampas, a alegria genuína do povo brasileiro que viveu história de castigo, festa, trabalho e arte. (MELLÃO; IMBROSI, 2005).

O tecido está intimamente conectado as manifestações populares, colorindo e enfeitando os festejos que se espalham por todas as regiões deste país imenso. “Nossas festas descendem do sincretismo e miscigenação que faz a cara de nosso país: influências europeias – predominantemente portuguesas - indígenas e negras se misturam sem o menor pudor ou cerimônia.” (MELLÃO; IMBROSI, 2005, p. 145). O tecido se faz presente em celebrações religiosas como as festas juninas com seus vestidinhos rodados e coloridos de quadrilha feitos de chita e chitinha; em atos com origens folclóricas como o bumba-meu-boi maranhense e a Folia de Reis; nas

festividades carnavalescas e celebrações com forte conteúdo social, político e também religioso, como o maracatu, que representa a permanência e resistência da cultura africana. Tais festividades representam a miscigenação de várias culturas, a chita é o ícone que melhor traduz o significado de brasilidade presente nestas celebrações folclóricas.

Assim, com toda sua história de usos e apropriações, o tecido chita, com cara de festa de interior, de brincadeira de criança, de vestidinho de quadrilha, de cortina da fazenda, e toalha de mesa em casa de pau – a – pique, ganha espaço nas passarelas, nas vitrines, nas galerias de arte, nos palcos, e principalmente na memória coletiva do povo brasileiro. Aparecendo em todos os cantos, não importa o lugar em que esteja, ela simboliza a alegria, a simplicidade e a sensualidade brasileira. Metaforiza o ambiente aconchegante que só o brasileiro pode produzir. O floral atrai, o colorido vibra.

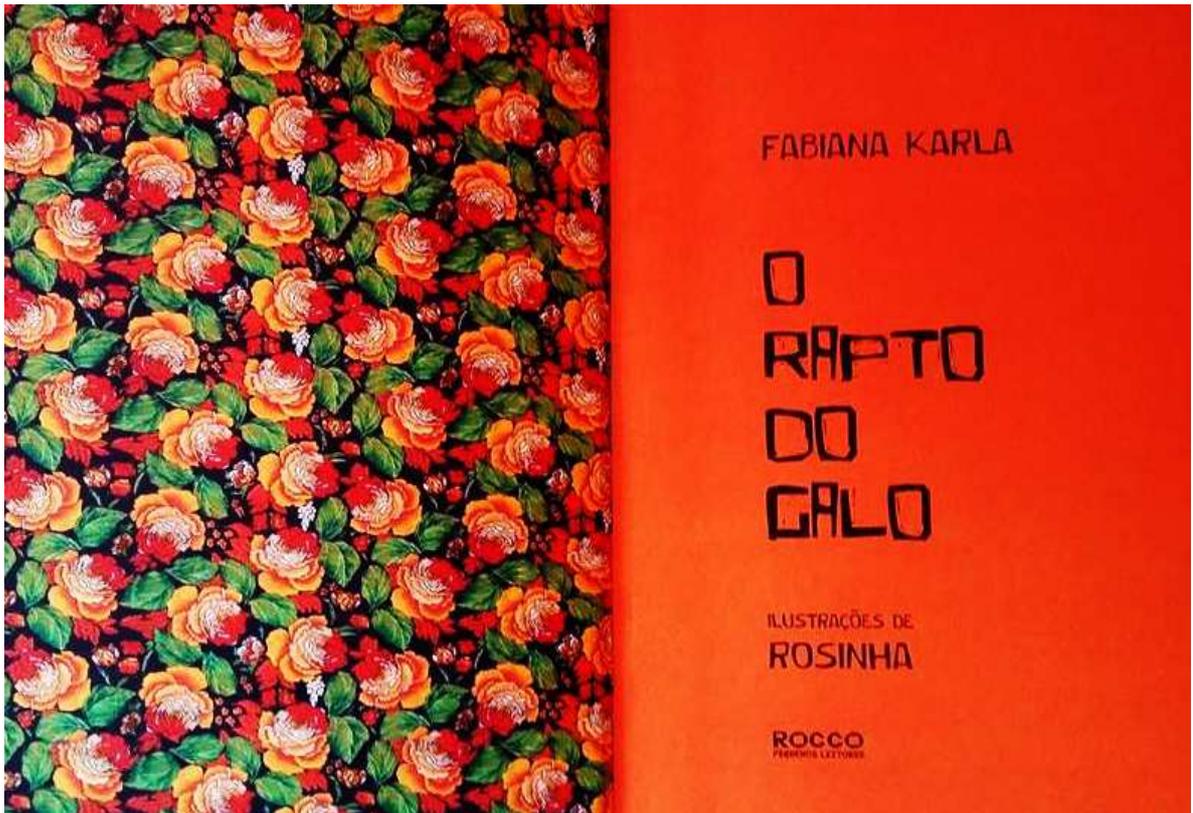
Com toda esta carga artística, cultural e simbólica, a estampa chita é digna de estudo. Sua memória deve ser constantemente resgatada e trabalhada para que se possa ter outro olhar sobre a cultura brasileira. Com este intuito, o estudo, tendo como suporte a Literatura infantil focalizando-se em ilustrações como narrativas visuais, tendo como principal elemento imagético a estampa chita, provoca através de sua estética a nostalgia e resgata as raízes simbólicas e híbridas de nossa cultura. Na Literatura Macabéa e Gabriela também vestiram chita. Talvez como uma tentativa de caracterizar a alma do povo brasileiro, dar-lhe cor e forma. É como se a estampa chita pudesse afirmar conceitos, fazer verossimilhanças ou lutar contra tabus e conceitos pré-estabelecidos. (SILVA, 2010). Face ao exposto, a utilização da chita nas narrativas infantis contém fios que “tramam contextos, alinham histórias, arrematam elos de nossa cultura” (CHATAIGNEIER, 2006, p.11).

Pressupomos, portanto, que por meio da análise da obra selecionada como documento de pesquisa, será possível dimensionar o papel que o tecido desempenha na literatura infantil e de que forma o uso da chita contribui para criar e disseminar imagens do Brasil e da brasilidade de suas festas e pessoas – com as cores e as formas de viver, de se vestir para as sociabilidades que permeiam as relações e as interações pessoais e sociais.

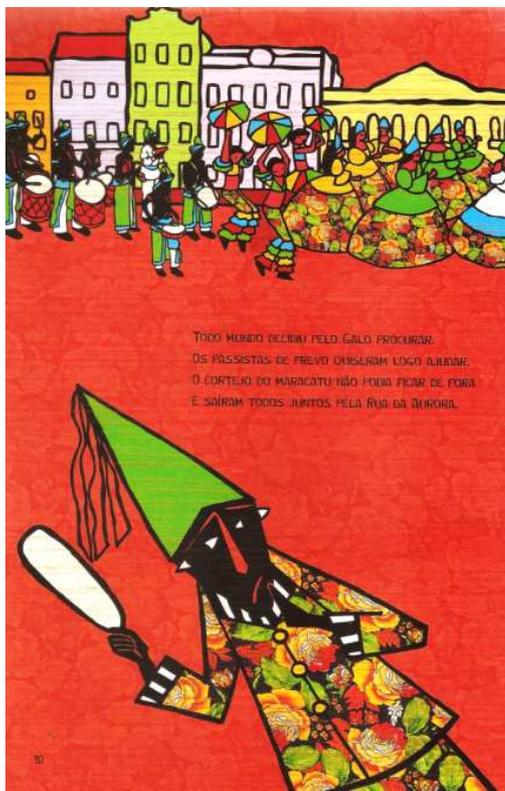
O RAPTO DO GALO: UMA ABORDAGEM

Definido o objetivo da narrativa neste texto que é o de compreender as relações entre Arte e Cultura por intermédio da análise das apropriações da chita nas narrativas visuais para o carnaval no livro de literatura infantil: “O Rapto do Galo” (2014) faz-se necessária uma apresentação sumária das características do livro.

A atriz e comediante Fabiana Karla publicou em 2014 o seu primeiro livro: O Rapto do Galo. Em sua estreia literária, a autora homenageia a cultura de sua terra natal, apresentando um desfile de personagens e tradições de Pernambuco. O Livro “O Rapto do Galo” é um cordel contemporâneo que narra com “humor e rima o sumiço de um dos grandes símbolos do carnaval do Recife: a ave que representa o maior bloco de rua do Nordeste” (PEQUENAS ESCOLHAS, 2014, online). A obra possui imagens criativas, cores fortes, e retalhos de chita, assinadas pela ilustradora pernambucana Rosinha Campos, vencedora de diversos prêmios de ilustração infantil.



(Fonte: KARLA, 2014, p. 2-3)



3332

(Fonte: KARLA, 2014, p. 15-10)

Observando as imagens na sua totalidade, poderíamos pensá-las como veículos comunicativos, ou seja, toda a história da arte nos mostra que as imagens nos dizem algo por si mesmas. Neste caso, a forma pictórica ilustrativa se apresenta como uma tradução das palavras, em linhas, formas, cores e texturas, ressignificando a linguagem verbal para a visual. Assim, os significados do texto se projetam sobre as imagens, assim como os significados das imagens se projetam sobre o texto.

No que diz respeito a arte, ela acompanha a humanidade desde os tempos primitivos, levando o homem a interpretar seu dia-a-dia, estando entrelaçada a vida humana, e até hoje se inserindo num contexto mais amplo de cultura. Segundo a autora Barbosa (2008), é preciso compreender o contexto histórico das imagens, e sabermos que elas são fruto de uma cultura, e de um modo de vida. Essa é uma questão de alfabetização visual, sendo que a cultura visual vai além das observações de pinturas e esculturas, ela incorpora objetos do cotidiano, como ilustrações, moda, vídeos, e tantas outras. Dessa forma, essa alfabetização visual proporcionará ao aluno conhecer melhor a sociedade em que vive e suas expressões artísticas cotidianas.

Assim, analisamos nas ilustrações que as representações visuais dos personagens, objetos e cenários possuem uma estética estilizada, delimitadas pelo contorno em preto, típica da reprodução xilográfica dos Cordéis nordestinos. As cores utilizadas são vibrantes e contrastam uma com as outras: Amarelo, roxo, azul, laranja, verde e vermelho. A apropriação do tecido Chita neste livro se apresenta de uma forma realista, reproduzindo um efeito técnico de colagem. A chita reproduzida

se constitui uma mistura de rosas amarelas com manchas laranja e vermelhas, rodeadas de folhas verdes, num plano de fundo preto. Em cada página do livro, aparece pelo menos uma reprodução do tecido de chita, sendo estampa de chapéu, de peruca, de paletó, de saias, vestidos, guarda-chuva, mesa, e até das penas do galo. Dessa forma, a chita é incorporada em todo o livro, por diferentes segmentos: vestuário, objetos e personagens, produzindo por meio da profusão de detalhes, cores, texturas, e pelo uso do tecido, uma estética híbrida característica das artes populares brasileiras.



(Fonte: KARLA, 2014, p.9-17)

A história narrada no livro começa com o desaparecimento do Galo da Madrugada no sábado da folia de Carnaval. A população aflita se recusa a abrir os festejos de Momo até que a situação se esclareça. As ruas todas enfeitadas, muitas máscaras e serpentinas, no entanto, todos resolvem ajudar na busca pelo galo: Os passistas de Frevo, o Cortejo do Maracatu e os Bonecos de Olinda. A situação permanece a mesma até que o Boneco de Barro do Vitalino traz uma notícia: escutaram um cocoricó dentro do canavial e muitos desconfiaram ser o Papa Figo, um homem terrível, que come fígado de criança o culpado pelo sumiço. Aí então, todos partem para o canavial e de longe já puderam ver o galo todo amarrado, e

Papa figo ao seu lado tocando um tamborim. Todos sentiram muita raiva e armaram um plano: chamaram o Cirandeiro e os caboclinhos, e todos juntos deram ordem de prisão a Papa figo.

O culpado tentou se explicar, disse não estar arrependido de nada, pois todos tem o direito de pular Carnaval, menos ele, pela sua fama de mau. Então já que nunca pode ver o galo, ele o sequestrou. Portanto, para julgar o comportamento do Papa figo, a população formou um tribunal de acusação. Uns o julgavam culpado, outros o defendiam. Até que finalmente saiu o veredito: resolveram soltá-lo e acabar logo com toda essa confusão. O Galo deu início as festividades e todos foram dançar na cidade, gente de toda a parte, inclusive Papa figo. E a história termina assim, todos os carnavais sendo assim, o Galo para todos!

Face ao exposto, a mensagem comunicada pela obra *O Rapto do Galo* (2014), tanto no seu discurso como em seus elementos visuais, tem como principal objetivo apresentar e caracterizar a cultura pernambucana. Portanto, considerando a literatura infantil como um artefato pedagógico, veículo na comunicação de temáticas escolares, o livro se constitui como pertencente às novas linguagens educacionais, que visa a Pluralidade Cultural como abordagem de ensino. Um dos principais itens de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2008) para o ensino pluricultural, é a valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem em sociedade, neste caso a Cultura Pernambucana com suas festividades, seus personagens folclóricos, suas danças, seus tecidos e suas cores são símbolos de costumes regionais e afro-brasileiros, pertencentes a cultura brasileira, que são apresentados e valorizados na obra literária *O Rapto do Galo* (2014).

Segundo o autor Santos (2007, p.54): “O carnaval recifense é fator fundamental para a preservação e resgate das tradições locais”. Por meio dele, muitas pessoas tem contato com a cultura pernambucana. O carnaval exhibe em seu bojo, uma multiplicidade de manifestações culturais, que para o autor: “não há nenhum outro carnaval no Brasil capaz de movimentar, num mesmo momento, tantas manifestações artísticas diferentes.” (SANTOS, 2007, p.55). Além da diversidade artística, o carnaval pernambucano ganha também grande destaque, em virtude do Galo da Madrugada: “Trata-se do maior bloco carnavalesco do mundo, de

acordo com o livro dos recordes. Normalmente, mais de 1,5 milhão de pessoas acompanha o Galo no Sábado de Zé Pereira, dando a “grande largada” para o Carnaval do Recife”. (SANTOS, 2007, p.55).

Pela sua grande importância para cultura pernambucana, o Galo da madrugada, personagem principal do livro, foi elevado a condição de patrimônio imaterial de Pernambuco, a partir de 20 de fevereiro de 2009, pela Lei Nº 13.712 / 2009.

Conforme Zucon e Braga (2013, p.76): “Desde o final do século XIX, muitos estudiosos, no Brasil e no mundo, manifestavam preocupações com o registro de tudo o que fosse considerado folclórico”. Para o autor, nesse período temia-se que as práticas populares tradicionais entrariam em decadência pelo contato com a cultura urbana e industrial. Nesse contexto surgem preocupações preservacionistas, na direção de evidenciar a importância de bens culturais que mais tarde passariam a se chamar de imateriais. A definição de patrimônio imaterial também foi definida pela Unesco, que inclui todas as práticas, representações, expressões, conhecimentos, técnicas, objetos, artefatos e lugares culturais em que os grupos reconhecem como parte integrante de sua cultura. (Iphan, 2011).

Portanto, compreendendo a retórica comunicada pelo livro, no sentido de apresentar aos seus leitores as tradições populares pernambucanas, pressupomos que as visualidades presentes na obra, produzem muito além de um sentido estético atrativo, concebendo a chita como objeto “artístico cultural” presente na história e na visualidade do dia-a-dia dos brasileiros. Por meio dessas imagens há a construção de um sentido histórico e social, em que a chita, se constitui na obra como elemento integrante das culturas populares e principalmente da regionalidade nordestina.

Considerações Finais

O livro O Rapto do Galo (2014), um artefato pedagógico da educação infantil, permitiu a conexão das ordens, da arte, moda e da cultura, comunicando as crianças, por meio de suas produções visuais com a chita, o registro das culturas populares em suas vivências cotidianas. Portanto, o estudo sobre a Chita por meio das ilustrações caracterizou-se como uma análise artística cultural, relacionada com a Estética do cotidiano, que conforme Ivone Richter (2003) subentende, além dos objetos ou atividades presentes na

vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõe e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida e transformação.

Por meio desta operação, revelamos como o emprego da chita na criação das imagens educam as subjetividades e sensibilidades das crianças, no sentido de valorizar a cultura regional, de entenderem o papel da arte em tecidos como produtora de significados para as identidades regionais.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 2008.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio**. Tecidos, moda e linguagem. SP: Estação das letras e cores, 2006.

IPHAN- **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginalInicial.do;jsessionid=39AF2A3427E FB1FD7D26193DE507DC48>. Acesso em: Jul. 2015

KARLA, Fabiana. **O rapto do galo**. RJ: Rocco, 2014.

MELLÃO, Renata; IMBROSI, Renato. **Que chita bacana**. São Paulo: Editora A Casa, Museu do Objeto brasileiro, 2005.

PEQUENAS Escolhas. Disponível em <<http://www.pequenasescolhas.com.br/tag/o-raptodo-galo/>>. Acesso em: mar. 2015.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

SANTOS, Fernando B. P. **Estado, política cultural e manifestações populares: A influência dos governos locais no formato dos carnavais brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Administração Pública e Governo) – Eaesp/FGV, São Paulo, 2007.

SILVA, Emanuela Francisca Ferreira. **Estampa chita e cesura: Linguagem não-verbal e suas diversas interfaces comunicacionais**. Disponível em:

http://www.encontrosdevista.com.br/Artigos/Antigos/Emanuela_Francisca_Estampa_chita_e_cesura-final.pdf. Acesso em: abr. 2015.

ZUCON, Otávio; BRAGA, Geslline Giovana. **Introdução às culturas populares no Brasil**. Curitiba: InterSaberes, 2013.